

O FANTÁSTICO E A FORMAÇÃO DO GOSTO PELA LEITURA, A PARTIR DE “O ANÃO DE JARDIM”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Jéssica Neves Silva¹

Orientadora: Patrícia Kátia da Costa Pina²

Resumo: A literatura é uma representação do real, traduzindo de forma artística em palavras, a realidade. E, dentro desse campo vasto que é a literatura, nesse estudo enfocamos na literatura fantástica. Esse subgênero seria o texto produzido a partir do irreal, isso não significa, porém, que seja uma falsidade, mentira, mas, aquilo construído a partir do nosso imaginário, e que muitas das vezes tem a presença do sobrenatural, do insólito, do inusitado. No entanto, recortando esse gênero, trabalharemos no universo dos contos fantásticos, os quais de alguma forma trazem como características as histórias fabulosas, extraordinárias, inesperadas, aquelas histórias que desconstruindo os padrões comuns de recepção, atravessando o ficcional com eventos do cotidiano, podem provocar com bastante intensidade o interesse do leitor juvenil. Assim o objetivo do trabalho é além de abordar a literatura fantástica, é também fazer uma análise crítica do conto “Anão de Jardim”, de Lygia Fagundes Telles. Este estudo está fundamentado nas perspectivas de Luzia de Maria, Ricardo Piglia e Tzvetan Todorov, principalmente. A partir dos teóricos buscarei entender como o conto de Telles relaciona o inesperado com a realidade, estabelecendo, assim, uma ligação com o leitor pelo inusitado, pelo diferente. A análise do conto consiste em entender o mistério todo que cerca a trama, buscando no elemento CASA sua importância e como esse elemento interfere diretamente no destino das personagens. E, posteriormente, enfatizaremos o que a traição, sugerida e instaurada pela CASA, causa de inusitado nos envolvidos na trama e no leitor. Isto porque o leitor é de suma importância dentro do conto fantástico, pois ele entra no universo maravilhoso, criando, dentro do ficcional, o seu real. Logo, essa pesquisa é de cunho qualitativo e usa o método bibliográfico.

Palavras-chave: Fantástico, contos, leitor.

Como formar o gosto pela leitura hoje? Segundo Pina (2012, p.91),

Para formar um leitor, isto é, para criar em alguém o gosto pela leitura literária, tornando-o um consumidor de livros, revistas etc., os escritores [...] precisam jogar com o público que pretendem alcançar, criando um mundo à parte, um mundo mágico, composto de aventuras fantásticas[...].

A literatura fantástica começa brotar nos séculos XVIII e XIX, exatamente quando, no mundo ocidental, se começavam a formar grupos leitores maiores e diferenciados, formados por mulheres e crianças de origem burguesa (PINA, 2000).

¹Graduanda no Curso de Letras Vernáculas, pela Universidade do Estado da Bahia. jessicaletas12@yahoo.com.br

² Professora Pós- doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010).dacostapina@gmail.com

Recorrendo a temas como o terror e o medo, os escritores “sensibilizavam” esses “novos” leitores, através do insólito, do surpreendente.

A formação de leitores autônomos envolve uma série de aptidões e capacidades que devem ser desenvolvidas ao longo dos anos pela escola, isto porque cabe ao professor ser o mediador e o grande incentivador para despertar nos seus alunos o gosto pela leitura. E como o objetivo desse artigo é trabalhar como a literatura fantástica, ou melhor, o conto, o qual quando bem mediado é capaz de gerar no aluno o desejo de ler e o induzir a tornar um leitor crítico e consciente, além de provocar a criatividade. Assim tomamos a palavra de Paulo Freire:

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo. E aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (2002, p.8)

Mas antes de procurar encontrar uma definição exata, se é possível dentro de um campo tão amplo como o da literatura, buscarei em um primeiro momento através do dicionário significado imediato da palavra fantástico. Assim sendo, segundo o dicionário Aurélio (2001, p.313) a palavra fantástico designa o que só existe na imaginação, o que é quimérico, fingido, irreal. Logo, literatura fantástica seria o texto produzido a partir do imaginado, isso não significa, porém, que seja uma falsidade, mentira, mas, é o texto marcado por uma reinvenção inusitada da realidade, no qual, muitas das vezes, ocorre a presença do sobrenatural.

Ceserani, no livro *O fantástico*, discute as bases conceituais que regem a produção literária cuja problematização central é a não representação direta e imediata do mundo, aquela que tem no incomum, no sobrenatural, no incrível, seu foco: “O que caracteriza o fantástico não pode ser nem um elenco de procedimentos retóricos nem uma lista de temas exclusivos.”(CESERANI, 2006, p. 67)

Ele trata do fantástico, como aponta o título da obra. Eu proponho uma ampliação da ideia e, seguindo as reflexões de Flávio Garcia, opto por pensar o insólito, de modo mais abrangente. Ceserani retoma Todorov, questiona a constituição desse tipo de obra como gênero literário, leva à reflexão acerca desse dispositivo da imaginação criadora não como um mero instrumento de afastamento da realidade confinante e próxima, mas como meio de construção de um mundo Outro, alternativo ao cotidiano previsível de todos nós.

O pesquisador “liberta” o fantástico da conceituação tradicional e dos liames que o colocam como gênero com armas e estratégias típicas e previsíveis, atrelando-o à

liberdade da ação imaginária, que dribla regras e brinca com elas. Segundo ele, ao surgir, o fantástico alargou “... as áreas da ‘realidade’ humana interior e exterior que podem ser representadas pela linguagem e pela literatura...”(CESERANI, 2006, p.67).

Flávio Garcia, em “O ‘insólito’ na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários” define o insólito como um evento raro, inusual, imprevisto, maravilhoso (GARCIA, 2007, p.21). Retirado da concepção dicionarizada que o define como evento surpreendente, sem vinculá-lo à elaboração imaginária própria da escrita literária, o insólito remete àquilo que contraria hábitos, normas, regras, enfim, àquilo que propõe outra ordem de experiência da realidade.

Em “*A Realidade e o Insólito*”, Manuel Antônio de Castro afirma que “... a força e vigor do *insólito* estão em quebrar os valores dominantes, em pôr em questão certomundo. Sem valores, a realidade ou mundo parece tornar-se caótico, sem uma verdade que a ordene e dê segurança.”(CASTRO, 2008, p.28)

A partir dessa pequena discussão, posso definir a razão de meu interesse pelo insólito como instrumento de formação do gosto pela leitura literária: narradores e personagens, construídos sob o viés do insólito, quebram constantemente os padrões estabelecidos como corretos, “normais” e adequados, tornando a realidade um campo movediço, instaurando um processo de desestabilização do dado que não recoloca o leitor na ordem geradora da leitura, mas que o desloca para um espaço simbólico de instabilidade e tensão.

Ao longo dos anos muito se tem falado em literatura fantástica, no entanto vale destacar que existem diversos subgêneros dentro desse gênero. Logo, dentro desse imenso universo das histórias fantásticas, buscarei nesse artigo como recorte o dos contos fantásticos, através da análise do conto “Anão de Jardim”, da autora Lygia Fagundes Telles, dentro da perspectiva teórica dos autores Luzia de Maria, Ricardo Piglia e Tzvetan Todorov, principalmente.

Em seu livro *Introdução à literatura fantástica*, Tzvetan Todorov (2008) traz a concepção de que:

O fantástico implica, pois uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados. [...] A hesitação do leitor é, pois a primeira condição do fantástico. Mas será necessário que o leitor se identifique com uma personagem.(TODOROV, 2008, p.37).

Assim, a partir da perspectiva de Todorov, percebo o quanto o leitor é um sujeito influente dentro do conto fantástico, pois ele atua e encena imaginariamente junto com

as personagens. Quem nunca sentiu medo diante de uma cena de terror, chegando a fechar os olhos ou, já tentou fantasiar de algum personagem de determinado conto? A fantasia, por mais que seja inverossímil, é capaz de seduzir o leitor e criar a partir do insólito, um mundo real dentro do irreal.

Mas voltando aos contos, o que a partir de agora é o recorte desse artigo, podemos buscar sua origem desde os nossos primórdios, pois o conto surgiu a partir da arte do contar estórias, dos ensinamentos passados de geração em geração. Assim tomamos a palavra de Luzia de Maria (2004, p.8):

O conto foi, em sua primitiva forma, uma narrativa oral, frequentando as noites de lua em que antigos povos se reuniam e, para matar o tempo, narravam ingênuas estórias de bichos, lendas populares ou mitos arcaicos.

A referida autora ainda nos traz não apenas o conto enquanto tradição oral, mas o conto que ganha forma e passa a ser escrito, maravilhoso e um estilo individual de um autor. Assim, em seu texto *O que conto?*, Luzia de Maria traz outra concepção, a de que:

O conto como forma simples, expressão do maravilhoso, linguagem que fala de prodígios fantásticos, oralmente transmitidos de gerações a gerações e o conto adquirindo uma formulação artística, literária, escorregando do domínio coletivo da linguagem para o universo do estilo individual de certo escritor. (MARIA, 2004, p.10)

Assim, o conto fantástico é uma ramificação da literatura fantástica, sendo muitas vezes histórias fabulosas, extraordinárias, inesperadas, aquelas histórias que, desarrumando a nossa compreensão, numa mistura do ficcional com eventos do cotidiano, faz a imaginação concretizarem palavras uma perspectiva extremamente diferenciada para o mundo concreto.

Lygia Fagundes Telles é uma contista excepcional, sendo uma das principais autoras brasileira do gênero fantástico. Ela sempre abordaem seus contos temas como o amor, solidão, conflitos e medos, ou melhor, Telles mescla temas do cotidiano da sociedade pós-moderna com o inesperado, o insólito. Seus contos na maioria das vezes são narrados em primeira pessoa, com presença de monólogos interiores, através dos quais nos faz perceber suas falas e seus silêncios. Logo, a autora combina ficção, temas excitantes como o fantástico e insólito, ao lado de elementos relacionados aos problemas de ordem social e individual.

Lygia Fagundes Telles quando foi questionada de onde vêm seus contos, ela apenas afirmou que:

Eu percebo que está começando a nascer um conto quando, ao analisar as personagens, vejo que elas são, de certo modo, limitadas. Elas têm que viver aquele instante com toda a força e a vitalidade que eu puder dar, porque nenhuma delas vai durar. Isso quer dizer que, com elas, eu preciso seduzir o leitor num tempo mínimo. Eu não vou ter a noite inteira para isso, com uísque, caviar, entende? Preciso ser rápida, infalível. O conto é, portanto, uma forma arrebatadora de sedução. É como um condenado à morte, que precisa aproveitar a última refeição, a última música, o último desejo, o último tudo. (TELLES, 1998, p.29)

E, por falar em “condenado à morte”, a escritora oferece um delicioso banquete literário no conto “Anão de jardim”: nele, o fantástico é fruto da união da personificação da estátua do anão e das suas próprias características. O conto é narrado sob a ótica do anão, logo, é narrado em primeira pessoa: “A data na qual fui modelado está (ou não) gravada na sola da minha bota, mas esse detalhe não interessa” (TELLES, 2012, p.76). A estátua de pedra conduz toda a narrativa, conduzindo o leitor pela trama, definindo-se e aos outros personagens com detalhem e crueldade, às vezes: “Sou feio, mas sou de pedra e do tamanho de um anão de verdade com aquela roupeta meio idiota das ilustrações das histórias tradicionais, a carapuça.” (TELLES, 2012, p.76). Esse tipo de tentativa de criar uma realidade possível, mas diversa da concretude do cotidiano, impõe certa banalização ao dito, que aproxima o texto do leitor.

A narrativa gira em torno de duas perspectivas a do Anão- pedra- professor e a da mulher do professor. O primeiro momento da história dá a entender que o anão não tem tanta importância, mas com uma releitura e analisando o fantástico, percebo quanto ele é um dos principais elos do conto.

Ele aparece de certa forma manipulando o leitor a favor do professor e colocando Hortênsia, a mulher do professor, como vilã: “Tirante o professor (bom e bobo) pude ver (por dentro) a sedutora Hortênsia que desde o começo desconfiou de mim.” (TELLES, 2012, p.77). Na mesma frase, dois vocábulos traiçoeiros, que podem criar no imaginário do leitor um ambiente insólito: “sedutora” e “desconfiou”. Essa escolha inicia o leitor no “mundo do crime” que lhe será apresentado com uma “naturalidade” assustadora.

Apesar de defender “com unhas e dentes” o professor, o anão comete alguns deslizes, os quais sugerem que o professor enquanto esposo não é tão bonzinho. “[...] tinha o cachimbo no canto da boca e estava ocupado em me instalar, mas confortavelmente entre os tufos da samambaia da cadeira aonde vinha se sentar para tocar seu violoncelo.” (TELLES, 2012, p.77).

Percebe-se assim que o professor prefere o anão à esposa e que ele passa a ignorá-la, passando horas e horas com um anão de pedra. Nesse ponto é importante lembrar as “Teses sobre o conto”, de Piglia: “os pontos de cruzamentos são à base da construção.” (PIGLIA,2001, p.38).

Mas o ponto que torna a história fantástica é o mistério todo que está por trás do elemento CASA, o qual marcará os destinos do anão, do professor e da mulher. Nos contos, segundo Piglia, há sempre “ uma história visível esconde uma história secreta, narrada de um modo elíptico e fragmentário.” (PIGLIA,2001, p.38)

Segundo o *Dicionário de imagens*, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos, a figura casa é o:

Primeiro universo do ser humano é um objeto onírico de fundamental importância numa poética do espaço. Ontologicamente, a casa como um núcleo permanente e como um bem acompanha o ser humano ao longo de sua existência. E no silêncio e na solidão sempre se volta para um outrora que há muito passou, reencontrando a casa nas profundezas de sua alma sonhadora. A casa está nele, e ele está na casa de seu devaneio. (FERREIRA, 2013, p.35)

A casa no conto é vista como um bem material valioso, o qual será a recompensa que Hortênsia vai ter após a morte do marido. O anão, ao narrar à história dos moradores da casa, nos revela o desgaste da relação amorosa, o que leva a mulher a trair o professor e mais tarde mata-lo, para desfrutar da herança casa: “ A saltitante Hortênsia matou (devagar) o professor com doses (mínimas) de arsênico dissolvido no chá-mate.” (TELLES, 2012, p.77). Outra pista vocabular: “saltitante”: Hortênsia, nome de uma flor, o que opõe diretamente a personagem ao Anão, feito de pedra, Hortênsia, repito, é leve, age com alegria. Mais adiante:

Mas assim que a distraída Hortênsia (fazia a distraída) começou a executar o plano para herdar a casa e (outras), assim que começou a esquecer das tais doses de veneno na caneca do chá-mate, a carne já envelhecia (setenta anos) do professor começou a ficar mais triste. (TELLES, 2012, p.77).

O anão-narrador descreve as ações de Hortênsia, conduzindo o leitor a vislumbrá-la como assassina fria. Naquela residência o anão de pedra era o companheiro do professor, e para mulher aquela união conjugal só fazia sentido através da casa. Mais uma vez parece que o conto personifica objetos, coisas e desumaniza as pessoas.

Dessa forma, o professor morre, Hortênsia vai embora com o amante e...Qual o destino do anão?

A não ser outro inseto (formiga) que aventura por esta fresta, não há nada aqui dentro e, contudo ouço o coração pulsante repetir e repetir EU SOU. Fiquei como um homem que é prisioneiro de si mesmo no seu invólucro de carne a diferença é que o homem pode movimentar e eu estou fincado no lugar onde me depositaram e esqueceram. (TELLES, 2012, p.80- 81)

O anão-narrador percebe que assim como o professor, ele e a casa vão chegar ao fim. Assim, o destino de Kobald, nome com que o Professor batizou o anão de pedra, é o mesmo da casa, também está sujeito ao abandono e à destruição, tendo a sina parecida com a de seu proprietário.

É com arrogância que eu espero a morte? Não tenho medo, não tenho o menor medo e essa é diferença importante entre um anão de pedra e um homem, a carne é que sofre o temor e tremor, mas meu corpo insensível, sensível é está habitante que se chama alma. (TELLES, 2012, p. 81)

E, no desenrolar dessa trama, percebo que a casa foi o fruto da traição e do assassinato do Professor. Logo, não só objeto CASA, mas a traição advinda dela é capaz de destruir a pedra. A traição é algo inaceitável que, além de destruir as relações e uniões mais fortes entre os seres humanos, é capaz de abalar e causar danos irreparáveis até em seres inanimados, sem vida. No conto, a traição (sólita) mata o professor e tudo que o cerca(insólito), pois após sua morte, a casa é demolida e o anão aguarda o seu destino enquanto ele não chega. Mais uma vez, recorro a Piglia: “O efeito de surpresa produz quando o final da história secreta aparece na superfície.” (PIGLIA, 2001, p.37) Nada é exatamente sobrenatural no conto, não há fantasmas, nem seres assustadores, mas um anão de pedra narra à história, sofre com ela, ama um humano. A pedra sente a traição e também morre por ela.

Outro momento fantástico e insólito, e que aparece como um estranhamento, algo meio duvidoso e ao mesmo tempo sobrenatural. E, pelo trecho a seguir entendo que o narrador não é mais o anão, mas que o professor volta e, na realidade, parece ser ele que está na figura do anão.

Fui atingido ou foi àquela coisa que se armou no meu peito e acabou por golpear a pedra? Não sei, mas sei que foi nessa noite que abriu esta rachadura sem sangue e sem dor. Então as formigas foram subindo pelo corpo e vieram (em fila indiana) me examinar. Entraram pela fresta, bisbilhotando o avesso da pedra e depois saíram obedecendo à mesma formação, além de disciplinada a formiga é

curiosa e essa curiosidade é o que a faz eterna. (TELLES, 2012, p. 82-83).

O conto como já foi dito é narrado sob a ótica do anão. Assim, o narrador fica a espera da morte, e enquanto ela não chega, vai com certa desenvoltura contando a história dos moradores daquela casa. Esse conto, de certa forma, pode fazer um intertexto com os de Sherazade, pois como afirma Luzia de Maria: “Sob a magia do “contar”, desafiando a imaginação ao sabor das aventuras, a vida sai vencedora em seu duelo com a morte. Sherazade, a das Mil e Uma Noites, conquista o coração do rei valendo-se da arte de contar estórias.” (MARIA, 2004, p.8).

Telles é uma autora fantástica dentro do fantástico, pois consegue de uma maneira genial construir uma história corriqueira dentro de um universo cheio de mistérios. Suas personagens representa o ser humano com suas angústias, dúvidas, obsessões, afeto, traição, isto tudo através do irreal. Logo, o conto representa os problemas resultantes da interação entre pessoas mediadas pelas coisas e do desgaste das relações amorosas e afetivas. Com a leitura crítica desse conto, percebo que o insólito instiga o imaginário, instaurando a percepção de uma diferença, por parte do jovem e pode, sim, contribuir para torná-lo leitor.

REFERÊNCIAS:

AURELIO, *O mine dicionário da língua portuguesa*, 4ª edição revista e ampliada do mine dicionário Aurélio. Edição Especial para o FNDE / 2001.

CASTRO, Manuel Antônio de. “*A Realidade e o Insólito*”. In: GARCIA, Flávio (org). *Narrativas do insólito: passagens e paragens*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008. p.8-31

CESERANI, Remo. *O fantástico*. Tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

FERREIRA, Agripina Encarnacion Alvarez. *Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos* [livro eletrônico] /Agripina Encarnación Alvarez Ferreira. – Londrina: Eduel, 2013.1 Livro digital.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 43ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GARCIA, Flávio. “*O ‘insólito’ na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários*”. In.: _____. (org). *A banalização do insólito: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. p.11-23

MARIA, Luzia de. *O que é conto?* - - São Paulo: Brasiliense, 2004. - - (Coleção primeiros passos; 135).

PIGLIA, Ricardo. *Teses sobre o conto*. Caderno Mais, Folha de São Paulo, 30 de dezembro de 2001, p. 24.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura e jornalismo no oitocentos brasileiro*. Ilheus: EDITUS, 2000.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura em quadrinhos: arte e leitura hoje*. Curitiba: Appris, 2012.

TELLES, Lygia Fagundes. “*Anão de jardim*”. In. RUBIÃO, Murilo; SCLIAR Moacyr; [et all]. *No restaurante submarino: contos fantásticos*. _ 1ª ed. _ São Paulo: Boa Companhia, 2012.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.